

Projeto transarte: transdisciplinaridade e intersemioses no ensino da arte

Sandra Regina Ramalho e Oliveira*

Resumo

Este artigo traz o relato de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no Estado de Santa Catarina, envolvendo alunos e professores de ensino público. Trata-se da aplicação de uma proposta transdisciplinar no ensino de arte, com base em fundamentos da semiótica, bem como da avaliação de seus resultados. Embora uma segunda fase da pesquisa esteja em desenvolvimento, tendo como campo as esferas municipal e estadual de educação, aqui se apresenta os primeiros resultados, fruto de uma experiência-piloto, realizada em uma escola pública federal. Malgrado uma série de dificuldades que reduziram a proposta transdisciplinar a interdisciplinar, devido a questões relacionadas principalmente aos professores, os resultados obtidos dos alunos foram amplamente favoráveis, tendo por base a aplicação de pré e pós-teste.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Transdisciplinaridade. Intersemioses.

Projeto transarte: an art education approach based on transdisciplinarity and intersemiosis

Abstract

This article brings the report of a research that is being developed in Santa Catarina involving teachers and students of public schools. It is related to an application of a propose in the art education, based in the semiotics basis, as though the evaluation of the results. Although a second part of the search is in evolution, having as objective the county and state parts of education, here it is presented the first results, which are the first experience, done in a federal public school. Several difficulties reduced the proposes from transdisciplinary to interdisciplinary due some questions related to the teachers. However, the student's results were very suitable based in the applications before and after-test.

Keywords: Art Education. Transdisciplinarity. Intersemiosis.

* Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP (1998). com Pós-doutoramento em Semiótica Visual pela Université de Sciences et Technologies de Lille, França (2002). Professora do Departamento de Artes Plásticas da UDESC.

A contextualização de um problema

O advento do ensino obrigatório de Arte nas redes oficiais de ensino brasileiras deu-se, como sabemos, a partir da lei 5.692/71. De lá em diante, vem se consolidando uma área de conhecimento a partir de outras ciências, como a educação, a história, a sociologia, a psicologia, a antropologia, a filosofia e, mais recentemente, a semiótica, além dos conhecimentos específicos sobre os fazeres artísticos.

Em termos de conseqüências, pode-se perceber a melhoria da qualidade do ensino ministrado e das experiências realizadas. Entretanto, o que se observa é que, na grande maioria das escolas brasileiras, nos conteúdos programáticos na área de Arte predominam as Artes Plásticas ou Visuais.

Aduz-se a isto o fato de que, nos primórdios da formação de professor, os documentos oficiais propunham um currículo polivalente, ou seja, composto por conteúdos pertinentes às distintas “linguagens” artísticas sem, no entanto, prever métodos que possibilitassem a inter-relação entre tais conteúdos.

Posteriormente, esta proposição curricular revelou-se ineficaz e houve e, ainda há, a reação de toda a comunidade ligada ao ensino da Arte contra a fragmentação inerente à polivalência. Depois, veio a monodisciplinaridade: um só professor, uma só “linguagem”.

Ficou resolvido o problema da consistência na formação do professor; todavia, na realidade cotidiana da educação nacional, grande parte das escolas possui apenas um professor de Arte. Em conseqüência, a alternativa compulsória é a de oferecer aos alunos os conhecimentos relacionados apenas a uma “linguagem”.

Ao se “optar” pelo ensino de apenas uma “linguagem” nas escolas ou, na melhor das hipóteses, pelo ensino de cada “linguagem” em momentos distintos no processo de aprendizagem, em séries diferentes, quando a escola possui mais de um professor de Arte, com formações distintas, encontramos dois problemas, o primeiro mais forte que o segundo: ou o aluno conhece apenas uma “linguagem” artística, geralmente a visual; ou conhece distintas “linguagens”, sem estabelecer relações entre elas, de modo que o conhecimento de uma área não contribui para o aprendizado das demais.

Estudiosos da área de arte, como Ana Mae Barbosa (1986, p. 68), propugnaram a interdisciplinaridade já há muito tempo, sendo que o brado de Ana Mae quando afirmava que “polivalência não é interdisciplinaridade” ressoa há muito nas nossas mentes; e no que se refere a este modo de organizar conteúdos e práticas, Ana Mae foi também precursora em relação à proposta de ensino interdisciplinar, hoje recomendado para todas as disciplinas escolares. Sim, porque a própria natureza diversificada da Arte requisitava a presença deste

Projeto transarte: transdisciplinaridade e intersemioses no ensino da arte

conceito e desta prática educacional no âmbito da própria disciplina. Mas para que haja a interdisciplinaridade são necessários vários requisitos; como exemplo, se não houver relações entre pessoas e conteúdos, prevalece a multidisciplinaridade, mesmo havendo professores de áreas distintas em uma mesma escola.

Nossa proposta pretende ser inovadora, pois tem a intenção de ser não apenas inter (entre) áreas, mas transdisciplinar, no sentido de que os conteúdos e práticas de uma “linguagem” artística ou estética possam atravessar as demais e vice-versa, estabelecendo um trânsito que possibilite perceber analogias, destacar distinções, de modo complementar. Segundo Melo, Barros e Sommerman (2002, p. 9) “etimologicamente, *trans* é o que está ao mesmo tempo *entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de todas as disciplinas [...]”; mas nossa proposta é mais modesta, pois estaremos examinando o exercício da transdisciplinaridade apenas no âmbito das disciplinas da Arte.

Basarab Nicolescu (2002, contracapa), físico teórico do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (CNRS) e fundador do Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares afirma que:

[...] como no caso da disciplinaridade, a pesquisa transdisciplinar não é antagonista mas complementar à pesquisa pluri e interdisciplinar. A transdisciplinaridade é, no entanto, radicalmente distinta da pluri e da interdisciplinaridade por sua finalidade: a compreensão do mundo presente, impossível de ser inscrita na pesquisa disciplinar. A finalidade da pluri e da interdisciplinaridade é sempre a pesquisa disciplinar. Se a transdisciplinaridade é tão freqüentemente confundida com a inter e a pluridisciplinaridade (como aliás, a interdisciplinaridade é tão freqüentemente confundida com a pluridisciplinaridade), isto se explica em grande parte pelo fato de que todas as três ultrapassam as disciplinas. Esta confusão é muito prejudicial, na medida em que esconde as diferentes finalidades destas três novas abordagens.

Neste sentido, preocupados com o esclarecimento de conceitos, importante se faz explicitar as opções terminológicas adotadas neste trabalho, bem como a noções que lhes são respectivas.

O que Nicolescu denomina de disciplinaridade é o que nomeamos monodisciplinaridade, para não haver dúvidas; queremos nos referir com a palavra monodisciplinaridade, a processos educacionais em arte nos quais há um professor, ministrando conteúdos e práticas relacionados a uma única “linguagem”.

Por outro lado, denominamos de multidisciplinaridade aos processos educacionais em Arte nos quais encontramos vários professores em uma mesma escola, mas não há inter-relação entre as práticas e conteúdos que ministram. É o que Nicolescu nomeia de pluridisciplinaridade.

Quanto ao termo interdisciplinaridade, seu sentido, neste trabalho é o de precessos nos quais vários professores correlacionam seus conteúdos e práticas; no entanto, cada um atém-se estritamente ao âmbito da “linguagem” da sua formação, sem mencionar os possíveis nexos e as diferenças em relação às demais “linguagens”. É o mesmo sentido que confere Nicolescu à palavra interdisciplinaridade, embora ele se refira ao universo de todas as disciplinas possíveis, ao passo que nós nos restringimos às do campo da Arte.

Por último, quando nos referimos a transdisciplinaridade, também é dentro de uma noção coincidente com a de Nicolescu e de seu grupo de pesquisas e estudos transdisciplinares: todos articulados transitando em todos os âmbitos. Isto só é possível, e nossos primeiros resultados já apontam para isso, se houver um espaço e um tempo pedagógico para o devido planejamento conjunto, bem como para avaliações permanentes. Nos domínios do ensino de Arte, a transdisciplinaridade pressupõe construção coletiva, solidariedade e um avançar gradativo, passo a passo, de mãos dadas.

Antoni Zabala (2004, p. 185) é outro estudioso que se preocupa com a questão da transdisciplinaridade. Discorrendo sobre a organização dos conteúdos di dáticos, afirma que ao longo do último século surgiram novas formas de estruturação, além das “estritamente disciplinares”. E cita a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a metadisciplinaridade. Segue dizendo que

[...] a ordem vai desde uma clara diferenciação das disciplinas sem nenhum tipo de contato entre elas e a um maior grau de relação e integração entre si, até posições em que as disciplinas e conteúdos disciplinares não são o objeto de estudo explícito, mas um meio para conhecer uma realidade que é uma e global.

A seguir, o mesmo autor apresenta um gráfico no qual se visualiza as noções de multidisciplinaridade (disciplinas sem relações, meramente justapostas), interdisciplinaridade (algumas disciplinas mantendo relações), transdisciplinaridade (todas as disciplinas mantendo relações entre si) e metadisciplinaridade (a inexistência de disciplinas delimitadas).

Em síntese, o Projeto TRANSARTE propõe a organização transdisciplinar para conteúdos e práticas atinentes à Arte, visando dar encaminhamentos ao problema presente na realidade das escolas brasileiras, qual seja, a de existir uma *diversidade de disciplinas*, no sentido de “linguagem”,

Projeto transarte: transdisciplinaridade e intersemioses no ensino da arte

a serem trabalhadas em uma *mesma disciplina* escolar.

Para tanto, além dos demais procedimentos de pesquisa, foi formalizada uma hipótese assim definida: *uma proposta educacional transdisciplinar, concebida a partir de princípios semióticos, inter-relacionando imagens visuais, cênicas e musicais, aplicadas em alunos de uma série específica de uma escola pública, possibilita a leitura das mesmas “linguagens”, de um modo articulado e complementar.*

Vários autores, da área da música, como Murray Schaefer (1991), das artes visuais, como Wassily Kandinsky (1996), das letras, como Décio Pignatari (1989), da semiótica, como Ana Claudia de Oliveira (1992; 2005) e da estética, como Étienne Souriau (1983), vêm estudando e mostrando as possibilidades de analogias entre as distintas “linguagens” estéticas, sendo que o último assim se pronuncia:

[...] entre uma estátua e um quadro, entre um soneto e uma ânfora, entre uma catedral e uma sinfonia, até onde podem ir as semelhanças, as afinidades, as leis comuns; e quais são também as diferenças que se poderiam chamar congêntas? Este é o nosso problema.

De certo modo, este também é nosso problema; entretanto, nosso desafio consiste em situar tal problema em um contexto de maior complexidade, qual seja, o da educação. Assim, nosso problema consiste não só em verificar analogias e diferenças entre “linguagens”, mas construir propostas pedagógicas que possam propiciar aos alunos esse trânsito entre as “linguagens”, de modo que os conhecimentos e práticas vivenciados no contato com uma determinada “linguagem” possam contribuir para a compreensão de outras “linguagens” artísticas.

Importante se faz ainda explicitar o conceito de sujeito com o qual se quer trabalhar ou se está trabalhando, o aluno. Isto porque, após uma trajetória no caminho dos estudos acerca da educação e do seu sujeito, redundante seria retomar produções anteriores para explicitar pressupostos. Estes ficam subjacentes ao conceito de aluno que se quer atingir, por meio do Projeto TRANSARTE, que seja, *um ser humano vivenciando experiências para a vida, as quais, em termos de conhecimento da linguagem, não podem se restringir à alfabetização, pois é necessário conhecer um referencial mínimo sobre aspectos em comum e aspectos distintos existentes entre diferentes linguagens, para ter acesso aos conteúdos expressos nos bens estéticos, sem o qual não se dá o efetivo exercício da cidadania.*

Em um mundo no qual cada vez mais se multiplicam os modos de construir e fruir “linguagens” artísticas ou estéticas, para além da linguagem verbal, o acesso à significação ou aos efeitos de sentido, configura-se como um

processo tão necessário quanto a alfabetização; é urgente a inclusão estética.

Os objetivos como compromissos

Os objetivos do Projeto TRANSARTE são periodicamente lidos e analisados com o grupo de pesquisa, primeiro porque há flutuação na presença dos membros professores; as dificuldades são várias, como saúde, maternidade, exigências do próprio trabalho e dificuldade quanto ao transporte. Assim, é necessário não só que os objetivos não se percam, como é importante rever se eles são exequíveis, a cada novo passo que se dá.

Não obstante, a maioria é permanente e consiste em compromisso do grupo. Assim sendo, temos hoje, entre os objetivos da proposta, o seguinte:

- desenvolver estudos anteriores acerca das relações entre as “linguagens” plástica, cênica e musical;

- propor uma mudança no ensino das Artes nas escolas, por meio de base teórica e metodológica inovadora;

- proporcionar ao aluno uma visão integrada de todas as “linguagens” estéticas, desde as da Arte até as do seu cotidiano;

- testar a abordagem metodológica construída a partir de princípios intersemióticos e transdisciplinares, em escolas públicas;

- avaliar os resultados obtidos em um grupo de alunos do ensino formal;

- promover a integração entre profissionais da educação em Arte e seus saberes;

- ser experiência que possa ser referência para consolidar a prática transdisciplinar em outras áreas do saber escolar;

- propor uma concepção de ensino de Artes que, ao contrário da polivalência, aborde diferentes “linguagens”, mas do modo inter-relacionado, intersemiótico e transdisciplinar.

Caminhos metodológicos

No que se refere à metodologia, pode-se assim resumir, considerando-se os procedimentos metodológicos, não esquecendo que se trata de uma construção coletiva, vinculada à realidade dos participantes, estando, portanto, suscetível de mudanças:

- formação de uma equipe interdisciplinar;

Projeto transarte: transdisciplinaridade e intersemioses no ensino da arte

- encontros, cursos, estudos, leitura e discussão de bibliografia pertinente;
- observação das turmas que consistem na amostra;
- registro visual, verbal e audiovisual das atividades observadas;
- concepção de um plano de ensino a partir da bibliografia lida e discutida e das experiências observadas, para um ano de aula;
- avaliação diagnóstica, com a aplicação de pré-teste, consistindo em leitura de imagens propostas, visuais, cênicas e musicais (videoclipe); instrumento: a descrição verbal, escrita, individual;
- aplicação da nova abordagem metodológica;
- avaliação processual, ao longo da experiência, propiciando alterações no plano de ensino, quando for o caso;
- avaliação somativa, consistindo em um pós-teste, com as leituras das mesmas imagens e a mesma proposição de atividade, qual seja, a descrição escrita individual. Critérios: frequência da ocorrência da citação de diferentes conceitos artísticos e estéticos, tendo como paradigmas os substantivos que se refiram a esses diferentes fenômenos (peso2) e os adjetivos que lhes modifiquem (peso1);
- Avaliação de todo o processo;
- Redimensionamento e aplicação nas demais escolas e séries.

Projeto TRANSARTE: um movimento que se constrói

Como se sabe, não se trata de formar artistas, ou mesmo, descobrir novos “talentos”, mas sim, de *alfabetizar* os sentidos. A necessidade da presença de conteúdos e práticas ligados à Arte nos programas oficiais brasileiros, antes de tudo, justifica-se por ser a disciplina destinada a permitir ao educando o acesso aos bens estéticos, isto é, a oferecer-lhe um referencial mínimo que lhe permita aprender os conteúdos expressos em forma de obra de arte, seja ela pertinente às Artes Plásticas, Cênicas ou à Música, com vistas ao exercício de plena cidadania. E que esses referenciais lhe permitam também acessar e posicionar-se criticamente diante dos produtos estéticos que invadem nosso cotidiano, muitas vezes nos seduzindo, nos embotando e impedindo uma escolha consciente do nosso livre arbítrio.

O Projeto TRANSARTE tem como objetivo testar uma abordagem transdisciplinar e intersemiótica, que correlacione as “linguagens” musical, cênica

Sandra R. R. e Oliveira

e visual, na educação. Partimos de princípios teóricos e metodológicos das áreas de ensino de artes, de estética, semiótica, música, teatro e artes visuais, visando criar uma proposta de ensino que propicie transformações nos modos de perceber e compreender as “linguagens” artísticas, para alunos de escolas de ensino formal.

No primeiro semestre de 2005, foi desenvolvida uma experiência em uma primeira série do ensino médio de uma escola pública federal. Tendo em vista os resultados obtidos nesta experiência, ela foi considerada como um piloto, um referencial para o que viria a ser desenvolvido posteriormente, bem como um tubo de ensaio que apontou a necessidade de alterações em alguns procedimentos.

Agora, no segundo semestre de 2006, inicia-se uma nova etapa (a cada situação se cria nova proposta, em parceria com os professores, voltada para a sua realidade), dentro dos mesmos princípios. A segunda etapa do Projeto TRANSARTE está sendo gestada pelos professores e será aplicada em escolas do Sistema Público de Educação, estadual e municipal.

Levando-se em conta os resultados do piloto, houve a necessidade de um semestre letivo para a preparação do campo, pois o engajamento superficial de pessoas-chave dificulta os resultados; na verdade, foram dois semestres de conversações e reuniões: um com as instâncias administrativas, até a composição do grupo; outro semestre para leituras e sensibilização, para a compreensão exata da proposta e para a conseqüente confiança entre os membros do grupo. Esta preparação consistiu em grupos de estudo, eventos, cursos de curta duração e preparação de material instrucional e didático, principalmente.

Professores representantes das três áreas participam ativamente, em um primeiro momento, construindo os detalhes da proposta metodológica e, em um segundo momento, aplicando-a, avaliando-a e re-planejando a cada aula; ainda, em um terceiro momento, esses professores estarão agindo como multiplicadores da proposta e sendo assessores para o universo de professores da Rede Municipal e Estadual, do qual esses primeiros profissionais engajados funcionarão como a amostra.

A experiência-piloto

A partir de agosto de 2005, duas bolsistas de iniciação científica passaram a assistir e registrar aulas de primeiras séries do ensino médio, ministradas por professores de artes plásticas, música e teatro, em uma escola pública federal de Florianópolis.

Foi adotado um procedimento de registros no qual a descrição dos acontecimentos pedagógicos se dava em uma coluna e, ao lado, as bolsistas

Projeto transarte: transdisciplinaridade e intersemioses no ensino da arte

faziam suas próprias observações. Foram observadas dez aulas, aleatoriamente.

Com base nos registros das aulas, foi feita uma seleção e síntese de conteúdos e práticas adotadas, tendo como critério de seleção aqueles que poderiam ser objeto de aulas em qualquer das três áreas de arte. Este seria o documento-base para a construção das aulas transdisciplinares e recebeu o título de “Roteiro Básico Articulador de Conhecimentos”, que continha o seguinte:

I - O papel do público em relação à arte

O conceito de enunciatário e sua importância; exercícios de troca de papéis entre os colegas (enunciador/enunciatário); entrevistas com artistas, críticos e com público; visitas a exposições, galerias, casas de espetáculo formais, informais e educacionais. Avaliação das experiências.

II – O Estético e o Artístico

Funções da arte; mudança das funções através dos tempos. O conceito de Mukarovsky: o estético e o artístico. Artes visuais x decoração; música x diversão; teatro x entretenimento. Bourdieu: o comercial e o não-comercial. Clips, jingles & design: funções estéticas e utilitárias. Exemplos. Exercícios. Avaliação.

III – Caos e Ordem

Obra como ordenação de elementos constitutivos e de procedimentos relacionais. Paradigma e sintagma. Significação: ícone, índice, símbolo, nas três “linguagens”. Efeitos de sentido: a significação greimasiana. Exemplos. Exercícios. Avaliação.

IV – Entradas para a Leitura de Obras

Possibilidades (exemplos) de leituras nas três “linguagens” com bases antropológicas (raízes, etnias); sociológicas (entorno, contexto social); filosóficas (pensamento de filósofos); históricas (estilos, tempo e lugar); psicológicas (gestalt; história de vida); semióticas (visando a significação). Avaliação.

V – Elementos de uma semio-estética

Plano de expressão/ elementos constitutivos: localizar em obras ou criar obras estudando pontos (os mais diversos, gerando ritmo, textura, etc, nas diversas “linguagens”), linhas (de todos os tipos), planos (idem), cores, dimensões, textura. Timbre, intensidade, duração, altura. Fala, gesto, expressão facial, cenário, sonoplastia, figurinos, iluminação. Plano de expressão/ procedimentos relacionais (sintaxe): localizar fenômenos estéticos em obras ou produzi-los: ritmo, contraste, harmonia, unidade, repetição, etc. Permanente analogia com a linguagem verbal. Avaliação.

VI – Questões diversas

Quebra de paradigmas, nas três “linguagens”. O “belo” e o “feio”. “Linguagens” híbridas (sincréticas, miscigenadas). O espaço e o tempo. Figurativo & abstrato. O Clássico e o Barroco. Exercícios de criação e de leitura. Avaliação.

VII - Trabalho Coletivo

Seleção prévia de um audiovisual que seja sedutor para os alunos e tenha potencial educativo nas “linguagens”. Cada professor, individualmente, prepara-se para orientar a leitura de seus alunos. Os três juntam-se para um passar para os outros o fruto de seus estudos. Cada professor ministra sua(s) aula(s). Os três professores reúnem-se com a turma para uma discussão final e avaliação.

Enquanto os bolsistas assistiam às aulas, a coordenadora participava, semanalmente, das reuniões dos professores, ocasião na qual procurava transmitir a proposta da pesquisa, embora a maior parte da reunião semanal dos professores fosse despendida com questões burocráticas relacionadas à vida da escola. Não obstante, um material sobre o projeto da pesquisa foi colocado na internet, no site do colégio, e foi aberta uma pasta com os textos preparatórios que a coordenadora da pesquisa ofereceu aos potenciais participantes, os quais ficaram guardados na sala dos professores; entretanto, todas as vezes que tentava trazer as bases teóricas para a discussão havia a deserção dos professores, sob alegações as mais diversas.

Passou o semestre, e no início de fevereiro foi marcada uma discussão para a realização de um planejamento conjunto. Devido a problemas de coincidência de agendas, não foi possível reunir todos os professores, como vinha acontecendo desde o ano precedente, embora nenhum se manifestasse contrário à participação no projeto. Isto dificultava mais do que se assim se posicionassem, pois o pressuposto era de que se poderia contar com eles, quando, na verdade, as ações não se concretizavam no coletivo, princípio indispensável para a transdisciplinaridade. Em síntese, todos queriam participar, mas sentiam-se expostos se a participação fosse efetiva.

O processo foi muito rico em termos de dados, principalmente no que se refere aos dados inesperados. Uma professora temporária iria aplicar a proposta na área de “linguagem” visual; seu contrato foi encerrado antes do previsto, evitando-se que ele expirasse durante o trimestre. Os demais professores, de música e de teatro, estavam sempre, em termos explícitos, prontos a participar, mas os encontros se tornavam sempre impossíveis.

Diante do quadro, a coordenadora da pesquisa decidiu, ela mesma, ministrar as aulas de plásticas. Acompanharam essas aulas: a professora da turma (temporária), as duas bolsistas de iniciação científica; uma pesquisadora

Projeto transarte: transdisciplinaridade e intersemioses no ensino da arte

voluntária (aquela ex-professora que iria ministrar as aulas); uma outra professora temporária, que se encarregou das fotos, devidamente autorizadas com antecedência, pelos pais dos alunos.

Deu-se um total de 15 aulas, equivalente a um trimestre. Os professores de teatro e música se dispuseram a ministrar, cada um, uma aula, após o encaminhamento do material teórico sobre a proposta. Além deles, uma designer que estuda a “linguagem” do cinema, ministrou uma aula sobre a “linguagem” audiovisual, em consonância com a base teórica adotada. Nestas três aulas se deu a interdisciplinaridade: cada um apresentou sua proposta pedagógica na sua própria “linguagem” (cênica, musical e audiovisual), perfeitamente articulada com o processo que vinha sendo desenvolvido nas aulas que tinham como referência a “linguagem” visual.

Todavia, a transdisciplinaridade não foi atingida, uma vez que os professores das demais “linguagens” não se dispuseram, alegando falta de tempo para se reunir, planejar suas aulas de modo que pudessem ser feitos os deslocamentos transdisciplinares.

Resultados da experiência-piloto

O grupo no qual se deu a experiência interdisciplinar obteve resultados importantes, em termos de percepção dos fenômenos estéticos das quatro “linguagens”, considerando-se as situações de pré e pós-teste. Eles assistiram um videoclipe musical, interpretado por Sandy e Júnior, escolha da professora de música, tendo como critério o interesse dos alunos (o que mais tarde se revelou equivocado).

Após videoclipe, assistido na primeira das quinze aulas, os alunos foram convidados a escrever sobre o que haviam visto e ouvido. Na última aula, repetiu-se a operação. Cada texto de cada um dos alunos foi trabalhado pelas bolsistas, destacando-se substantivos e adjetivos relacionados a conteúdos trabalhados nas aulas, referentes às “linguagens” visual, musical, cênica e audiovisual. Comparando-se o resultado das análises dos textos dos alunos, individualmente, percebeu-se que em todos se ampliara, as referências verbais aos fenômenos observados no videoclipe, após as 15 aulas.

Também se percebeu que, se observados os resultados por “linguagem”, houve um aumento significativo de referências, não se sabendo, no entanto, se passaram a perceber os fenômenos ou se passaram a saber expressar o que já haviam visto. No tocante ao total do grupo, mesmo se deduzindo os alunos que não haviam participado do pré ou do pós-teste, uma vez que esses casos não possibilitavam comparações (houve um prejuízo extra, por ter sido realizado o pós-teste em um dia de greve de ônibus).

Esses resultados, embora tenham sido coletados e analisados

qualitativamente, foram transformados em quantitativos, para melhor visualização. O critério adotado para esta tradução do verbal para o numérico foi o de atribuir 2 pontos por substantivo pertinente mencionado e 1 ponto por adjetivo. A partir desses dados foi possível elaborar inclusive alguns gráficos, mas ainda resistimos à idéia de apresentar quantificado o resultado de um trabalho tecido na complexidade, embora gráficos e números sejam interessantes para conteúdos e *rankings* onde disputamos com outras áreas de conhecimento os resultados de nossas pesquisas.

Após a realização do pré-teste, houve a necessidade de se criar mais uma categoria de análise, dadas as referências sucessivas a o que os alunos chamaram de “linguagem do game”. Esta então foi uma categoria acrescentada às demais, que eram as “linguagens” visual, audiovisual, musical e cênica.

Comparando-se as leituras verbais escritas, no total do grupo, observou-se que:

- as referências à “linguagem do game”, categoria gerada por eles mesmos, praticamente desapareceu no pós-teste;

- as referências aos aspectos da “linguagem” visual foram as que mais aumentaram; isto se deve ao fato de a professora ministrante da maior parte das aulas ter formação específica nesta área;

- as referências à “linguagem” audiovisual dobraram; isto se deve ao fato de que a única aula ministrada sobre esta “linguagem”, por uma designer, usou como exemplos videoclipes muito próximos da realidade dos alunos, bem como porque a ministrante, ex-orientanda da coordenadora do Projeto TRANSARTE, estava perfeitamente afinada com os pressupostos da proposta;

- as referências à “linguagem” musical também dobraram, mas permaneceram as menos citadas; isto porque no pré-teste elas foram mínimas, embora o objeto de análise fosse um clipe musical;

- as referências à “linguagem” cênica foram as que, proporcionalmente, nem cresceram.

Ainda com base em um outro gráfico, observa-se que, no total dos textos verbais escritos da totalidade de alunos que fizeram o pré e o pós teste, as referências aos fenômenos estéticos somados aumentaram de 99 para 207 citações.

Mais algumas considerações

Nos limites deste trabalho, confirmou-se que a articulação e analogias transdisciplinares entre as distintas “linguagens”, com fundamento nos

Projeto transarte: transdisciplinaridade e intersemioses no ensino da arte

pressupostos da semiótica, oferecem o bases para uma pedagogia estética, voltada para a compreensão das mesmas “linguagens”, aduzindo-se a isto o fato de que houve um aumento qualitativo e quantitativo no repertório de conceitos estéticos dos alunos. E se expressaram verbalmente conceitos que antes ignoraram, conclui-se que perceberam, se apropriaram e os explicitaram.

Como foi observado, não se pretende apresentar um método educativo fechado, nem dar uma resposta definitiva, mas sim verificar as possibilidades de uma alternativa para o ensino. Ela leva em consideração não só as relações dos elementos estéticos dentro da própria imagem, como também o trânsito de processos entre imagens concebidas em códigos diferenciados, sem preconceitos em relação às formas de expressão estéticas não-artísticas. Isso exige um trabalho articulado entre os professores, onde os conteúdos/temas transpassem, realmente, as disciplinas. E tempo para planejamento e avaliação permanentemente.

Por este motivo, a pretensão inicial da pesquisa-piloto foi atingida parcialmente, já que a transdisciplinaridade ficou reduzida a interdisciplinaridade, na maior parte do processo educativo, devido principalmente, às dificuldades encontradas pelos professores para se inserir efetivamente na proposta. Ainda assim, o resultados finais fizeram com que a pesquisa inicial se constituísse em uma experiência- piloto, devendo ser repetida em outras realidades.

Neste momento, um novo grupo se prepara para iniciar a prática de outras experiências, em um número maior de escolas e com outra espécie de envolvimento dos professores. Não obstante, não há como prever quaisquer resultados.

Referências

BARBOSA, A. M. **Arte-Educação: conflitos/acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1984.

KANDISNKY, W. **Ponto, linha, plano**. Lisboa: Edições 70, 1996.

MELO, M. F.; BARROS, V. M.; SOMMERMAN, A. “Transdisciplinaridade e conhecimento”. In: **Educação e transdisciplinaridade II**. São Paulo: TRIOM, 2002.

NICOLESCU, B. “Contracapa”. In: **Educação e transdisciplinaridade II**. São Paulo: TRIOM, 2002.

OLIVEIRA, A C. (Org.) **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker, 2005.

_____. **Fala gestual**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Sandra R. R. e Oliveira

PIGNATARI, D. **O que é comunicação poética**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SCHAFER, M. **O ouvido pensante**. São Paulo: UNESP, 1991.

SOURIAU, É. **A correspondência das artes**. São Paulo: Cultrix, 1983.

ZABALA, A. "Os enfoques didáticos". In: **O Construtivismo em sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

Correspondência

Sandra Regina Ramalho e Oliveira - Rua Rua Esteves Júnior, 463/601- Florianópolis, SC - 88.015-130.

E-mail: ramalho@floripa.com.br

Recebido em 27 de fevereiro de 2006

Aprovado em 17 de maio de 2006